

Comitê avalia impasse sobre dívida externa

São Paulo — O Comitê de Renegociação da Dívida Externa Brasileira se reunirá hoje em Nova Iorque para avaliar as dificuldades criadas pelo investidor americano Keneth Dart, que investiu 1,4 bilhão de dólares, em títulos da dívida, adquiridos no mercado secundário. A idéia do comitê é conversar com André Lara Resende, o negociador oficial da dívida brasileira. Os membros do comitê, em sua maioria, têm por princípio que Keneth Dart não pode ser tão inflexível quanto ao acordo que o Brasil está tentando fechar porque, se não houver esse acerto, as perdas de Dart serão bem piores. Por isso acreditam que se chegará a um acerto. A reunião foi decidida na sexta-feira à tarde.

Keneth Dart se julga prejudicado com o rebalanceamento dos títulos da dívida, que será reduzida dos atuais 50 bilhões de dólares para 35 bilhões de dólares, com tendência a cair ainda mais. Mas os integrantes do comitê não discordam do fato de que Dart pode paralisar as negociações, alegando prejuízo. Pode até levar o caso à Justiça americana.

O que se deseja fazer no Comitê é conversar com Keneth Dart e tentar um acordo para se evitar uma nova paralisação na negociação da dívida brasileira. Há uma preocupação generalizada em relação ao desfecho da questão com Keneth Dart.

O caso Keneth Dart foi descoberto pelo correspondente da Agência Estado em Nova Iorque, Paulo Sotero, há duas semanas. E depois disso tomou conta das discussões em torno da dívida externa brasileira. Banqueiros estrangeiros admitiram que além dos bancos americanos, entre os quais o Citibank, o Chase Manhattan ou o Manufacturers Hanover, que são grandes credores, há hoje preocupação também entre os japoneses e europeus.

A idéia é de que não se tem mais tempo para se adiar um acerto com o Brasil, que até já fez reservas para cumprir seus compromissos internacionais para este ano e para o próximo. Se o País tem reservas líquidas de 20 bilhões de dólares, tem ainda mais oito bilhões de dólares que poderão ser utilizados nos pagamentos de juros e do principal da dívida externa, não só com os bancos privados, mas também com o Clube de Paris.